

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO MUSEOLOGO: 7 IMAGENS E 7 PERIGOS

Para formar alguma coisa é necessário dispor-se das formas e das fôrmas. Como nos esclarece Werner Jaeger em seu livro *Paideia*, a formação só é possível, na escala humana, quando se tem uma determinada imagem do homem tal como ele deve ser.¹ Assim, com referência à formação profissional do museólogo é interessante observar que ela implica uma determinada Imagem Museal (IM) - conscientizada ou não - em relação a qual o formando se norteia. Neste caso, se poderia dizer que quanto mais próximo dessa Imagem Museal (IM) típica, o Formando (F) se encontrar, mais adequada seria a sua Formação Profissional (FP).

No entanto, esta questão não se resolve ao ser reduzida a esquemas simplificados ou mesmo a expressões algébricas do tipo:

$FP^+ - F = IM$ (a Formação Profissional bem sucedida resulta do Formando ser idêntico à imagem Museal)

$FP^- - F = IM$ (a Formação Profissional mal sucedida resulta do Formando ser diferente da Imagem Museal)

E isto por que a Imagem Museal - o norte do formando - ainda que sempre existente é variável, fluida e cambiante. O modelo adotado para a formação do profissional em museologia, tanto poderá ser a

imagem conformadora, cristalizada em conteúdos e práticas regressivas, quanto poderá ser a imagem transformadora, projetada no aqui e agora, no devir da sociedade.

Esta breve exposição coloca em evidência um dos problemas centrais da formação do profissional em museologia. É certo que a formação profissional em nenhuma hipótese ocorre solta no espaço social e no tempo social. Em consequência, a imagem típica, anteriormente referida, está historicamente condicionada. Não reconhecer este condicionamento é o mesmo que pretender abrir trincheiras de resistência ao desenvolvimento e amadurecimento da museologia. A Imagem Museal adotada para a formação do profissional há vinte anos atrás, por exemplo, antes da realização da Mesa Redonda de Santiago do Chile,² da criação do primeiro eco-museu,³ da Declaração de Quebec⁴ e do Movimento da Nova Museologia,⁵ é totalmente diversa da Imagem Museal que nos tempos atuais leva em consideração todos estes acontecimentos.

O reconhecimento do importante papel que desempenha a Imagem Museal na formação do profissional permite que se compreendam os dois seguintes pontos: 1º - o rol das disciplinas de uma escola ou curso de museologia não é o elemento definidor na formação do profissional. Ele é apenas um reflexo, ou uma representação da Imagem Museal. Sendo assim, uma alteração no rol das disciplinas sem um efetivo câmbio da Imagem Museal repercute pouco na formação do profissional. 2º - Estando a Imagem Museal condicionada ao tempo e ao espaço é possível transformá-la gerando, em consequência, uma alteração qualitativa na formação do profissional. Compreende-se assim que num mesmo espaço e num mesmo tempo podem estar convivendo e se atritando diversas tendências de formação profissional, é isto o que muitas vezes acontece no âmbito dos museus, dos cursos e escolas de museologia. A convivência e o atrito, quando administrados com base no respeito às diferenças, podem gerar benefícios e construir a excelência desses mesmos museus, cursos e escolas de museologia.

Supondo que aquele que trabalha na formação do profissional esteja interessado em aprimorar qualitativamente a relação formador/formando e em contribuir para a adaptação do formando à dinâmica do tempo, convém considerar que o principal obstáculo para a

transformação da Imagem Museal é exatamente a tendência à calcificação. Esta tendência equivale a um processo de esclerose e leva gradualmente a relação formador/formando à imobilização.

É importante observar que frequentemente os indivíduos envolvidos com a formação de outros não se dão conta da construção e alimentação das imagens profissionais, e seguem nutrindo as imagens que lhes foram transmitidas por seus antecessores, sem avaliar criticamente e sem questionar a pertinência da manutenção das mesmas.

Como estão sendo formados hoje os profissionais de museologia ao nível de graduação? Que imagem típica é projetada para os formandos? A formação profissional está sendo balisada através de uma museologia arcaica ou de uma nova museologia? O que se espera alcançar com a utilização desta ou daquela imagem?

Considerando que um dos atuais desafios museológicos é superar as Imagens Museais que sustentam a formação profissional de um tipo arcaico; considerando também que esta superação não implica obrigatoriamente um processo autoritário da imposição de novos valores, compreende-se claramente que é importante conhecer essas imagens mesmo por que não se supera ou se transforma aquilo que não se conhece. Neste sentido, esperando contribuir para a superação e transformação das Imagens Museais cristalizadas e facilmente identificáveis, apresentamos a seguir um pequeno esboço de classificação:

1ª. Imagem - O Ególatra

De acordo com esta imagem de caráter personalista, o indivíduo envolvido com a formação profissional de outros considera a si mesmo como "a medida de todas as coisas". Neste caso, o formador é o cânone museal e o formando é um grande imitador, um satélite, sem luz própria, sem iniciativa, fadado a repetir como um autômato as tarefas para as quais foi condicionado.

2ª. Imagem - O Primeiro-Mundista

O ideal deste tipo de formação profissional é o modelo Primeiro-Mundista. Neste caso, a formação se faz integralmente calcada em referências ao primeiro-mundo, aos países desenvolvidos. O

estrangeiro "mais evoluído e mais civilizado" deve literalmente ser cultuado. Importa pouco saber se este culto irá apagar ou não a criatividade do formando. O formando bem sucedido, de acordo com este modelo, é algo semelhante ao "brasilianista brasileiro"⁶.

3ª. Imagem - O Tupiniquim-Xenófobo

De maneira contrária ao tipo apresentado no item anterior, o Tupiniquim-Xenófobo rejeita tudo o que vem de fora do Brasil, sem análise, sem estudo, sem reflexão ou pesquisa. De acordo com este tipo de formação profissional, o formando deverá recusar o lastro de experiências de profissionais estrangeiros, mesmo que esta recusa promova o seu atraso profissional. A rejeição e a recusa irrefletidas tendem a gerar pré-conceitos de toda ordem. O preconceito, por seu turno, gera embotamento.

4ª. Imagem - O conservador

Esta Imagem, bastante difundida no meio museológico, parte do pressuposto de que a formação profissional bem sucedida é aquela que faz do formando um Conservador. Não é a teoria ou a política de conservação o que importa, mas sim a técnica conservacionista. Por esta ótica, o formando deve conservar, sem se perguntar: Por quê? Para quê? Para quem? Ele deve conservar. Preservar por preservar. E nada mais.

5ª. Imagem - O Colecionador

O ideal da formação do profissional em museologia, por este prisma, é o Colecionador. A coleção além de demarcar uma posição social e econômica, significa prestígio, acumulação de bens e também uma forma de domínio sobre o mundo exterior. A relação do colecionador com o seu "museu pessoal" tende a estender-se para o "museu público". O recomendável zelo pelo patrimônio cultural tendo a se transformar em apego.

6ª. Imagem - O Especialista

Da mesma forma que em outras áreas do conhecimento existe no campo da museologia uma tendência à especialização. A imagem do Especialista como ideal para a formação do profissional está muito ligada, no entanto, ao temário das coleções, no que ele tem de mais particularizado. Este tipo de orientação, além de afastar o formando da problemática propriamente museológica pode levá-lo a saber mais de menos, e a se especializar prematuramente, por exemplo, em rótulos de caixas de fósforos de quarenta palitos.

7ª. Imagem - O Generalista

Neste caso, a formação do profissional assemelha-se a um banho de verniz de cultura geral. No entanto, como os bancos universitários por si mesmos não garantem o alcance de uma "visão sintética do mundo", o formando desenvolve um alto nível de insegurança e insatisfação. A tendência generalista, por muitos defendida, faz com que o formando abandone também aquilo que é o cerne da sua formação profissional: a museologia.

Estas 7 imagens podem ser combinadas entre si, nas mais diferentes proporções, dando origem aos mais diferentes tipos. No entanto, para uma novamuseologia e para um novo tipo de museu uma Imagem Museal diversa se faz necessária. Essa nova Imagem Museal, ainda em construção como a própria museologia, pode ser definida como a valorização da Imagem de Si Mesmo, sem as idiossincrasias do ególatra, como o movimento de redescoberta realizado pelo próprio formando; como a tentativa de reinterpretação dos significados atribuídos aos bens culturais, enquanto fragmentos de memória; como uma tentativa de inserção do formando no tempo e no espaço social, sem que seja necessário abrir mão de sua própria Individualidade.

Um dos pontos mais delicados da formação profissional de um novo tipo de museólogo, decorre do fato de que hoje já se compreende que a museologia não trata simplesmente dos museus, assim como a educação não trata apenas das escolas e a medicina não trata apenas dos hospitais; mas, no entanto, insiste-se em definir o museólogo como o profissional de museus esquecendo-se que o educador não é o profissional da escola e que o médico não é o profissional do hospital.

Parece bastante evidente que o entendimento do museólogo como o profissional de museus não se coaduna com a definição, sustentada entre outros pela professora Waldisa Russo, que compreende a museologia como a disciplina que trata de estudar as relações entre o homem/sujeito e o objeto/bem cultural em uma dada realidade e dentro de um espaço/cenário denominado museu⁷, ou mesmo fora dele.

Se compreendemos que a matéria do museólogo é a museologia (como acima foi definida) e que o processo museal ocorre dentro e fora da instituição museu (as exposições de rua, de clubes e escolas são a prova cabal dessa assertiva) compreenderemos também que o espaço de ação e o mercado de trabalho do museólogo não é apenas o museu, mas todo e qualquer campo onde possa atuar como provocador, intérprete e registrador da relação anteriormente apontada.

A tendência de formar museólogos para museus e não para a vida tem sido responsável pela formação de muitos "messias", prontos para "salvar" os objetos, crenças de que suas ações estão esterilizadas do ponto de vista político e científico.

Além das 7 imagens, anteriormente apresentadas, existem também, como uma espécie de complemento necessário, 7 linhas arcaicas de orientação para a formação profissional do museólogo, ao nível de graduação. Estas 7 linhas são aqui denominadas de 7 perigos. Neste momento, cumpre esclarecer dois pontos: 1º - o número 7 foi aqui adotado em virtude de sua adequação para a expressão de "verdades" cabalísticas; 2º - As 7 imagens e os 7 perigos são aqui apontados com a convicção de que conhecendo-os será possível dissolver as Imagens e evitar os Perigos.

1º Perigo - Centralização no Objeto

O objeto acima de tudo. Este poderia ser o slogan tradutor de um dos maiores obstáculos dos cursos de formação profissional em museologia, ao nível de graduação. Este obstáculo tende a desconsiderar a aproximação, já apontada por Freyre, entre a museologia e as ciências humanas,⁸ e tende, por outro lado, a ocultar o fato de que o homem é a gema de todo e qualquer museu e que sendo ele o criador, o conservador

e o transformador de bens culturais, para ele os serviços museológicos devem ser orientados.

2º Perigo - Mentalidade Colecionante

As grandes coleções de alguns grandes museus deram origem às denominadas "disciplinas técnicas" (filatelia, heráldica, numismática, arte sacra, tapeçaria, prataria ourivesaria, armaria etc.), sobretudo no primeiro curso de museologia, ao nível de graduação, criado no Brasil em 1932. Fica bastante claro, no entanto, que face à quantidade dos museus brasileiros e à diversidade de seus acervos (em princípio tudo é museável), não existe a mínima possibilidade dos cursos de formação darem conta da grande quantidade de "disciplinas técnicas" que daí advém. A mentalidade colecionista confunde as "disciplinas técnicas" com a museologia e com o sistema museológico.⁹

3º Perigo - Obsolescência das Informações

Nos últimos anos o sistema museológico tem sofrido profundas transformações. Concebida inicialmente como mera técnica de preservar, classificar, organizar e expor objetos culturais e naturais, a museologia passou a ser considerada como disciplina científica, e hoje diversos profissionais se esforçam em desenvolver um corpo teórico museológico. Caso não ocorra, por parte daqueles que se envolvem com a formação, um esforço semelhante será confirmada a tendência de transmissão de informações obsoletas, e o que é pior, a colocação no mercado de trabalho de profissionais recém-formados e, no entanto, atrasados em pelo menos 20 anos.

4º Perigo - Afastamento da Realidade Social

Outra tendência perigosa é a de formar profissionais de museologia aprisionados numa torre de marfim, cercados por objetos de fina porcelana, por moedas sem liquidez, por ricos trabalhos em madeira, tecido, prata e ouro. A vida lá fora é outra coisa. Fora da torre de marfim os catadores de lixo catam pedaços de história e movimentam-se agitados. Para estes profissionais, treinados em não ver nada que não seja o objeto, os altos índices de poluição não importam, a devastação do patrimônio vida não importa; para eles há um fosso entre

a sociedade e o museu, entre os trabalhadores e o museu, entre o meio ambiente e o museu, e o importante é manter esse fosso, para eles as funções sociais e educativas dos museus são vazias de sentido.

5º Perigo - Carência de Embasamento Teórico

Prática. A prática pela prática. Este é mais um dos perigos que ameaçam a formação profissional. À medida em que os profissionais envolvidos com a formação deixam de estimular o desenvolvimento teórico do formando, obstaculizam a compreensão do acordo de alimentação mútua que existe entre a teoria e a prática. A consequência dessa falta de estímulo é a incapacidade para a reflexão e para a produção científica, é a mediocrização do profissional. A teoria museológica produzida no Brasil e no exterior é relegada para um segundo plano.

6º Perigo - Não valorização dos trabalhos de pesquisa

Este perigo está estreitamente relacionado com o anterior; quando ele se instala a pesquisa no campo da museologia é desvalorizada e reduzida às atividades de compilação, levantamento de dados e consultas a fichários. Não é incomum ouvir-se em certos museus: "Aqui se pesquisa, mas também se trabalha", como se a pesquisa não fosse trabalho. A desvalorização da pesquisa, associada à carência de embasamento teórico, faz com que a produção de conhecimento em museologia seja bastante deficiente quando comparada às áreas de antropologia, história, sociologia, educação, geografia etc.

7º Perigo - Enfoque Autoritário

Neste caso, a competência passa a ser sinônimo de obediência. O lema jesuítico: "comporte-se como um cadáver", passa a ser o ideal profissional. Como um desdobramento do enfoque autoritário implanta-se a burocracia, a hierarquização rígida e a negação da interdisciplinariedade. O enfoque autoritário castra todo e qualquer tipo de criatividade e iniciativa, e se estende para as relações estabelecidas

entre os espaços museais e o público. O bem cultural, a coleção, as informações obsoletas, o abandono das funções educativas e sociais do museu, a desvalorização dos trabalhos teóricos e da pesquisa, tudo é inquestionável. Apenas uma coisa é válida: o argumento de autoridade.

Apenas superando esses 7 Perigos poderemos formar profissional norteados por uma nova Imagem Museal, segundo o qual o objeto musealizado não é mais que um pré-texto. Superando os 7 Perigos e as 7 Imagens arcaicas talvez possamos formar novos profissionais, para os quais o importante não é o adjetivo, e sim a interpretação das relações entre o homem/sujeito e o objeto/bem cultural, bem como a orientação vetorial dos compromissos assumidos (com a vida e não com a morte). É provável que este seja o profissional que desde 1972, a partir da Mesa Redonda de Santiago do Chile, esteja sendo buscado para a América Latina.

NOTAS

1.
JAEGER, Werner, Paideia: a formação do homem grego. São Paulo. Martins Fontes, 1979, p. 21.
2.
A Mesa redonda de Santiago do Chile foi uma reunião internacional, realizada em 1972, com a participação de profissionais das mais diferentes áreas de conhecimento, onde o conceito de "museu integral" a serviço do desenvolvimento da sociedade foi amplamente discutido.
3.
VARINE, Hugues de. O tempo social. Rio de Janeiro, 1987, p. 35-45.
4.
A Declaração de Quebec (Canadá), data de 13 de outubro de 1984 e teve por objetivo apresentar os princípios básicos para uma nova

museologia (ver a revista *Museum*, Paris, Unesco, nº 148, 1985, p. 201).

5.

LA COUTURE, Felipe. La nueva museologia en la comunicaci3n para el desarrollo cultural. Col3mbia, 1985 (xerox).

6.

CARVALHO, Jos3 Murillo de. Basta de brasilianistas brasileiros. In: *Jornal do Brasil*, Cadernos B, Rio de Janeiro, 17 jul. 1988.

7.

RUSSIO, Waldisa. Cultura, patrim3nio e preservac3o (texto III). In: ARANTES, Antonio Augusto (org.). *Produzindo o passado: estrat3gia de constru3o do patrim3nio cultural*. S3o Paulo, Brasiliense, 1984 p. 60.

8.

FREYRE, Gilberto. Ci3ncia do homem e museologia sugest3es em torno do museu do homem do nordeste do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Recife. I JNPS, 1979.

9.

Sobre o sistema museol3gico consulte-se os diversos textos inclu3dos em *Methodology of Museology and Professional Training*. London, ICTOP/ICOFOM, 1983.